Dia 15 — São Vito, São Modesto e Santa Crescência, Mártires

Foi São Vito siciliano de nação, de família muito ilustre, mas de pais gentios, por desgraça. Aquele Senhor que nas maiores perseguições manifestou sempre mais o poder milagroso da graça e se compraz tanto em lançar mão do mais fraco do mundo para confusão do mais forte escolheu nosso santo para que, na idade de doze a quinze anos, fosse um menino de milagres.

Por ventura era cristão o aio que lhe buscaram seus pais e se chamava Modesto, do qual, como é verossímil, se valeu Deus para tirar o menino Vito das trevas da idolatria, prevenindo-o desde logo com aquelas graças extraordinárias que dão tão declaradamente a conhecer a virtude do Todo-poderoso. Estava acesa em todas as partes a fogueira da perseguição contra os cristãos; mas o terno Vito, desprezando-a com generosidade, fazia aberta profissão deste glorioso nome e em todas as ocasiões se declarava contra a cega superstição dos gentios.

Chegou isto à notícia de Valeriano, governador da Sicília pelos imperadores Diocleciano e Maximiano; e, chamando Hilas, pai de nosso santo, significou-lhe quanto estranhava ter entendido que seu filho era um dos mais acalorados sectários da religião cristã; e acrescentou-lhe em tom severo: «Se queres salvar a vida desse inconsiderado rapaz, faze que tenha juízo e que saia quanto antes de seu erro.»

Era Hilas tão zeloso gentio como fervoroso cristão seu filho; e, chamando-o sem perder um instante, disse-lhe com semblante desconsolado e aflito: «Que é o que ouço, filho meu da minha vida? Será possível que esta maldita raça dos cristãos te tenha enfeitiçado de maneira que adores por deus um vil judeu, pendurado por seus delitos num infame madeiro, e que por esta extravagância incorras na indignação dos imperadores, manchando com tão feio borrão tua esclarecida família?» Ao dizer-lhe isto dava-lhe estreitos abraços e derramava copiosas lágrimas, explicando nestas demonstrações sua dor e sua ternura.

Manteve-se o menino Vito com imutável inteireza e respondeu a seu pai em substância: «Amado pai e senhor, muito vos equivocais no conceito que fazeis dos cristãos, tendo-os por magos e por feiticeiros; não há coisa mais pura, não a há mais santa que seus costumes e que sua doutrina. A morte de Jesus Cristo na cruz só parece loucura aos olhos dos gentios; de resto, ela foi o grande mistério da redenção do mundo. Perdeu o homem a amizade de seu Deus pelo pecado e foi mister que Deus se fizesse homem e morresse nessa cruz para restituí-lo a sua graça, porque qualquer outra satisfação seria improporcionada. O que a vós se vos representa suplício foi um milagre da

divina clemência; o que tratais de extravagância é celestial sabedoria; e crede-me, nunca poderia eu acrescentar maior lustre a toda a família que o que lhe comunico precisamente pela gloriosa profissão que faço e espero fazer sempre de fervoroso cristão.» Emudeceu Hilas à vista do respeito e da intrepidez com que lhe falou o santo filho; puderam mais a admiração e a ternura que a cólera e a indignação. Retirou-se sem dizer palavra e deixou em paz o menino Vito.

Não era possível que esta lhe durasse muito, à vista do ruído que faziam as maravilhas que Deus obrava por ele. Recobravam vista os cegos e repentina saúde os enfermos, só com fazer Vito sobre eles o sinal da santa cruz, e até os demônios, ou por malignidade ou por preceito, publicavam suas virtudes pela boca dos energúmenos. Deu-se notícia de tudo a Valeriano, atribuindo-o a feitiçaria e encantamento, segundo a mania em que se haviam encaprichado os gentios; e, mandando o governador chamar Hilas: «Já te preveni, disse-lhe em tom colérico e dominante, que teu filho era cristão; adverti-te que o reduzisses à razão; contudo sei que é um dos mais perniciosos magos desta malévola seita; não posso já dispensar-me de fazê-lo comparecer em meu tribunal; quero que tu estejas presente e que entendas que não poderei deixar de castigar-te se não me obedece com presteza.»

Compareceu o santo menino; e, tratando-o Valeriano com caridosa brandura, perguntou-lhe: «Em que consiste, filho meu, que não te deixes ver em nossos templos nem assistas a nossos sacrifícios? Ignoras porventura que os imperadores mandam tirar a vida com os mais atrozes tormentos a todos os cristãos?» «Não, senhor, respondeu Vito sem dar mostras da mais leve turbação, não o ignoro; pois eu mesmo fui testemunha da crueldade dos suplícios e da constância dos mártires: mas que razão haverá para obrigar-nos a reconhecer por deuses um pedaço de mármore ou um tronco sem vida, que não valem pelo mais vil de todos os homens? No que toca a mim, resolutamente te digo que jamais adorarei a outro Deus que ao único que o é verdadeiramente do céu e da terra, porque tampouco há outro.»

Quando Hilas ouviu estas palavras saiu fora de si e começou a exclamar como frenético: «Ai de mim, desditoso! Compadecei-vos da triste sorte deste desgraçado pai todos os que sois amigos meus; não tenho mais que um filho, e a este o vou perder miseravelmente sem remédio.» «Não, pai meu, não me perdereis, nem eu perecerei», replicou o santo tão firme como tranquilo, «pois não há maior felicidade que derramar todo o sangue por amor de Jesus Cristo, merecendo por uma ditosa morte entrar na companhia dos bem-aventurados.» Ficou como atônito Valeriano ao ver tanta prudência e tanta constância num menino de catorze a quinze anos; mas igualmente indignado de uma resposta tão animosa, disse-lhe: «Por respeito a tua idade e pela amizade que professo a teu pai deixei-te até agora de castigar; mas, já que abusas tanto de minha bondade, veremos se a pena te faz mais prudente e mais dócil.» Mandou, pois, que o despedaçassem a açoites; ordem que se executou no ato com desumanidade e com excesso, mas sem perder o santo menino um ponto de sua tranquilidade. Em vão se valeu o governador de promessas e de ameaças: «Já te disse de uma vez para sempre, respondeu o santo mancebo, que jamais reconhecerei nem adorarei outro Deus que a Jesus Cristo.» Colérico Valeriano mandou que o aplicassem à questão de tormento; iam executá-lo os verdugos e acharam-se de repente com uma geral contração de todos os membros, e ao mesmo governador secou-se-lhe de repente a mão com agudíssimas dores. A princípio atribuíram-no, segundo sua ordinária cantilena, à mágica profissão que supunham em todos os cristãos; mas, querendo desenganá-los o menino Vito de que

todos estes milagres eram só por virtude do nome de Jesus Cristo, pronunciou sobre eles este dulcíssimo nome e logo ficaram todos sãos. Indeciso o governador entre o agradecimento e a cólera, contentou-se com entregá-lo a seu pai, repetindo-lhe o encargo de que procurasse reduzi-lo a obedecer aos imperadores.

Pareceu a Hilas que os regalos, as diversões e os deleites seriam mais eficazes que os suplícios, e nenhum omitiu dos mais próprios para lisonjear o coração, abrandá-lo e corrompê-lo; mas o santo mancebo mostrou-se invencível a tudo; e até se diz que, tendo ficado repentinamente cego o inconsiderado pai, em castigo de sua indiscreta curiosidade, experimentou ele mesmo quanto podia com Deus seu milagroso filho, porque recobrou a vista só com fazer-lhe este o sinal da cruz sobre os olhos; milagre que, em vez de obrar sua pronta conversão, produziu um efeito inteiramente contrário; pois, persuadido de que seu filho era mago e feiticeiro, tomou desde então a bárbara resolução de perdê-lo; mas Modesto, antigo preceptor do santo menino, foi avisado em sonhos por um anjo para que secretamente o tirasse do poder de seu pai e o conduzisse à beira do mar, onde encontraria um navio preparado para levá-lo aonde o destinava a divina Providência. Declarou Modesto a Vito as disposições desta e, encaminhando-se ambos ao sítio assinalado, encontraram um navio que estava para fazer-se à vela e, entrando nele, deram fundo num porto da antiga Lucânia, província do reino de Nápoles, que se chama hoje Basilicata. Fizeram alto num deserto perto do rio Sele, tomando o Senhor por sua conta o mantê-los por meio de uma águia que cada dia lhes levava a provisão que bastava para não morrerem de fome. Começavam a gostar os doces consolos da solidão quando se acharam em precisão de deixá-la para que triunfasse Jesus Cristo na capital do império e aos olhos mesmos do imperador. Apoderou-se o demônio de um ministro muito favorecido de Diocleciano e, atormentando-o estranhamente, protestava aos gritos que não sairia daquele corpo até que Vito, solitário da Lucânia, o compelisse a deixá-lo. Mandou buscar o imperador um homem cuja virtude poderosa mostrava temer o mesmo demônio; acharam-no em oração com seu preceptor Modesto; e, informado o imperador de que eram cristãos, deu por certo que ambos seriam dois insignes magos e que teriam estreito comércio com o demônio, em cuja suposição lhes fez muitas perguntas. As respostas do santo menino enfeitiçaram Diocleciano, o qual lhe perguntou sobretudo com que artifício lançavam os demônios dos corpos. «Senhor, respondeu-lhe Vito, não há outro artifício que a virtude onipotente de meu Salvador Jesus Cristo, a cujo nome dobram o joelho o céu, a terra e os abismos, reconhecendo seu infinito poder.» «Pois façamos a experiência, replicou o imperador, e livra do demônio a meu favorecido.» Fez oração o fervoroso mancebo; pôs a mão sobre a cabeça do energúmeno e, fazendo nela o sinal da cruz, disse estas palavras: «Sai desse corpo, espírito imundo, que assim to mando em nome de Jesus Cristo, meu Salvador e meu Deus.» No ponto saiu o demônio com espantoso ruído, tirando a vida a muitos dos gentios que se achavam presentes e havendo vomitado mil blasfêmias contra nossa santa religião.

Dizem os antigos atos do martírio de nosso santo que, movido o imperador de tantas maravilhas e enamorado da graça, do agrado, da viveza e do brilhante espírito do santo menino, não poupou diligência alguma para ganhá-lo, até oferecer-lhe que o adotaria por filho e o associaria no império; riu-se da proposta o invencível mancebo, convertendo-se em sanha a ternura de Diocleciano: mandou que tanto a ele como a Modesto os encerrassem num tenebroso e fedorento calabouço e os deixassem morrer de fome; mas, apenas entraram nele, abriram-se as portas, fizeram-se em pedaços as cadeias e apoderou-se um pavoroso terror de todos os corações. Atônito o carcereiro,

correu desolado ao palácio e, tremendo com o assombro e com a turbação, deu conta ao imperador do que se passava. Temeu Diocleciano as consequências daquela maravilha e, acudindo prontamente a apagar a impressão que podia fazer nos ânimos em favor dos cristãos, ordenou que logo no ato fossem expostos às feras no anfiteatro. Alentava Vito a Modesto à vista dos tigres e dos leões que haviam soltado contra eles, na presença de mais de cinco mil pessoas que haviam concorrido; mas, apenas fizeram os santos o sinal da cruz, invocando o nome de Jesus Cristo, os leões e os tigres prostraram-se a seus pés, afagando-os brandamente com a cauda. Ressoaram no ato os gritos de admiração em que prorrompeu todo o povo, e ao ouvi-los irritou-se tanto o imperador que, sem poder dissimular sua cólera, mandou que se empregasse o ferro e o fogo para atormentá-los, mas nada bastou para vencê-los. Converteu-se à fé uma mulher chamada Crescência à vista daquela heroica constância e alegria, merecendo ser condenada a morrer com eles. Não pôde subir a mais a crueldade dos verdugos; despedaçaram os santos mártires até descobrirem-se-lhes as entranhas; sem que por isso deixassem jamais de cantar os louvores do Senhor. Iam já acabar com as duas vítimas quando de repente se sentiu um furioso terremoto que, enchendo a todos de espanto, dissipou toda aquela multidão. Asseguram os mesmos atos que os três santos mártires foram tirados do cadafalso por ministério dos anjos e conduzidos ao mesmo lugar onde Vito e Modesto haviam sido encontrados; e que, tendo suplicado Vito ao Senhor que se dignasse consumar seu sacrifício, todos três renderam em suas mãos o espírito no dia 15 de junho do ano de 300.

Pela metade do oitavo século passou a Roma Fulrado, abade de São Dionísio, na França, e, tendo conseguido do papa Zacarias um corpo santo dos cemitérios, com nome de São Vito, mártir, depositou-o numa herdade da diocese de Paris, que pertencia a um irmão seu, onde se edificou uma igreja com a invocação do santo, e, andando o tempo, no ano de 836, foi trasladado este santo corpo com grande solenidade à abadia de Corvey, na Saxônia. Mas este não é o corpo de São Vito martirizado com São Modesto, do qual em nenhuma parte se acha vestígio de que jamais fosse trasladado da Lucânia a Roma; e o mais concludente é que cinquenta anos depois que Fulrado levou de Roma para a França a referida relíquia se acharam os corpos de São Vito, São Modesto e Santa Crescência em sua antiga sepultura, da qual foram transferidos a Polignano no ano de 886, onde se mantêm até hoje com grande veneração. Acha-se também outro São Vito que foi martirizado em Roma, cujas relíquias foram sem dúvida as que levou à França o abade Fulrado.

Martirológio Romano

Na Lucânia, perto do rio Sele, a festa dos santos mártires Vito, Modesto e Crescência, os quais, tendo sido trazidos da ilha da Sicília no tempo de Diocleciano, depois de haver passado pela caldeira cheia de chumbo derretido, o potro e as feras, acabaram o curso de seu glorioso combate.

Em Dorostoro, na Mésia, São Hesíquio, soldado, que, apanhado com São Júlio, recebeu a coroa do martírio sob o presidente Máximo.

Em Córdoba, na Espanha, Santa Benilde, mártir.

Em Zéfiro, na Cilícia, São Dula, mártir, que, açoitado com varas sob o presidente Máximo pelo nome de Jesus Cristo, depois posto a assar numa grelha e untado com azeite fervendo, alcançou vitorioso a palma do martírio.

Em Palmira, na Síria, as santas mártires Líbia e Leônida, irmãs, e Eutrópia, menina de doze anos, que receberam a coroa do martírio no meio de diferentes tormentos.

Em Valenciennes, o falecimento de São Landelino, abade.

Na Auvérnia, Santo Abraão, confessor, ilustre por sua santidade e milagres.

No monte Joux, no Valais, São Bernardo de Menthon, confessor.

Em Espalion, às margens do Lot, no Rouergue, Santo Hilariano, assassinado atrozmente por uns ímpios.

Em Séez, São Loyer, alemão, que de solitário foi feito bispo da dita cidade antes de São Godegrano, irmão de Santa Oportuna.

Em Benevento, São Mercúrio, mártir.

Na Abissínia, São Cedreno, confessor.

Em Winchester, na Inglaterra, Santa Edburga, virgem, filha de Eduardo I.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Da Ecclesiæ tuæ, quæsumus, Domine, sanctis martyribus tuis Vito, Modesto atque Crescentia intercedentibus, superbe non sapere, sed tibi placita humilitate proficere; ut prava despiciens, quæcumque recta sunt, libera exerceat charitate. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que, pela intercessão de vossos santos mártires Vito, Modesto e Crescência, concedais a todos os fiéis um santo horror à sabedoria mundana e graça para fazer cada dia novos progressos naquela santa humildade que tanto vos agrada, a fim de que, fugindo e menosprezando tudo o que é mau, se apliquem livre e generosamente a praticar tudo o que é bom. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 3,1-8

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4] etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est. [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se. [6] Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos, et in tempore erit respectus illorum. [7] Fulgebunt justi et tamquam scintillæ in arundineto discurrent. [8] Judicabunt nationes, et dominabuntur populis, et regnabit Dominus illorum in perpetuum.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si. [6] Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá dêles consideração. [7] Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canavial discorrerão. [8] Êles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

Nota

«... costuma a Igreja dar-lhes o título de Sapienciais. O que contém a epístola de hoje é como uma suma de suas máximas e sentenças mais importantes; por isso Santo Atanásio e Santo Epifânio o chamam o compêndio de todas as instruções.»

Reflexões

As almas dos justos estão na mão de Deus: a quem podem temer? Ponha em movimento a inveja todo o seu veneno; assestre todos os seus tiros a maledicência; use de todos os seus artifícios a mais denigrativa calúnia contra os justos: que poderá todo o mundo junto, ainda que vá de acordo

com todo o inferno, contra um homem a quem protege Deus? Não perdoam as adversidades à virtude; nascem os trabalhos até no mais interior do mesmo santuário; aos eleitos do Senhor nunca lhes couberam entre suas partilhas as prosperidades desta vida. Deixem-se para os réprobos essas alegrias mundanas, esse contínuo espairecimento, essa perpétua cadeia de diversões, esses ares fieros e orgulhosos que inspira a prosperidade. Os servos de Deus vestem outra libré; passa-se a maior parte de seus dias em amargo pranto, em miséria e em obscuridade; tem-se-lhes lástima e tratam-se como ao refugo, como às fezes de todos os mortais. É certo que são dignos de compaixão; mas aos olhos dos insensatos, e não mais. Parece que vivem uma vida semeada de misérias e de aflições; mas enquanto isso vivem, por assim dizer, no centro da felicidade, pois sua alma está nas mãos de Deus. A que grande senhor nem a que príncipe lhe passou até agora pelo pensamento ter inveja a um comediante que representa o papel de um augusto imperador? Sabe muito bem que todo aquele aparato de esplendor, de grandeza e de majestade só dura enquanto dura a comédia: acabando-se esta, depois de haver deslumbrado por um momento os olhos e os ouvidos, ficou aquele homem confundido com o mais ínfimo do povo. A maior parte dos homens representa um bom papel no teatro da vida: enquanto dura a representação, tudo embeleza, tudo encanta, tudo brilha; mas com que despejo e até com que desembaraço não se apresentam no teatro? Com que entonação não falam aos que estão de espectadores e ouvintes, ainda que haja entre eles pessoas muito respeitáveis? Os justos, enquanto vivem, são, digamo-lo assim, uns mudos assistentes à comédia desta vida; quando se acaba a comédia, quando aquele dissoluto se vê já nos braços da morte, quando está para expirar aquela mulher mundana, quando todos se retiram a suas casas, isto é, quando entram na casa da eternidade, onde hão de ir parar todos os homens, terão muita inveja aos representantes aqueles que não fizeram mais que assistir à comédia? Reputarão então como o ápice da felicidade aquela cena teatral de mundanas prosperidades? Representar-se-lhes-á como a maior de todas as desgraças aquela vida pura, santa, humilde, pobre, obscura e mortificada? Grandezas mundanas, esperanças enganosas, todas passais como relâmpago; sois no máximo um sonho agradável que diverte enquanto dura. Mas os justos? *In paucis vexati, in multis bene disponentur.* Enquanto viveram, maltratastes-os a vossa satisfação; contudo, nem por isso foram tão dignos de compaixão como vos parecia; porque afinal seus trabalhos foram leves, duraram pouco, e sua recompensa, além de ser muito grande, é eterna. Em quem tem fé pode haver loucura mais insigne nem mais qualificada que viver segundo as máximas do mundo e não seguir o exemplo dos santos?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas.

Lucas 10,16-20

> **Latim:** [16] Qui vos audit, me audit : et qui vos spernit, me spernit. Qui autem me spernit, spernit eum qui misit me. [17] Reversi sunt autem septuaginta duo cum gaudio, dicentes : Domine, etiam dæmonia subjiciuntur nobis in nomine tuo. [18]

> Et ait illis : Videbam Satanam sicut fulgor de cælo cadentem. [19] Ecce dedi vobis potestatem calcandi supra serpentes, et scorpiones, et super omnem virtutem inimici : et nihil vobis nocebit. [20] Verumtamen in hoc nolite gaudere quia spiritus vobis subjiciuntur : gaudete autem, quod nomina vestra scripta sunt in cælis.

Português: [16] O que a vós ouve, a mim ouve: e o que a vós despreza, a mim despreza. E quem a mim despreza, despreza áquelle que me enviou. [17] Voltárão depois os settenta e douz muito alegres, dizendo: Senhor, até os mesmos demonios se nos sobmettem em virtude do teu nome. [18] E o Senhor lhes respondeo: Eu via cahir do ceo a Satanás, como hum relâmpago. [19] Eis-ali vos dei eu poder de pírsardes as serpentes, e os escorpiões, e toda a força do inimigo: e nada vos fará damno. [20] E com tudo o sujeitarem-se-vos os espíritos, não he o de que vós vós deveis alegrar: mas sim deveis alegrar-vos de que os vossos nomes estão escritos nos ceos.

Meditação

Da confiança

Primeiro ponto

Considera que tão pernicioso é ter pouca confiança como ter demasiada. A primeira é desconfiança, a segunda presunção: aquela nasce de uma culpável pusilanimidade, esta de um orgulho que olha Deus com horror. A verdadeira confiança funda-se na bondade infinita de Deus, em seu poder e na dignação com que quer que o consideremos como nosso pai. Esta é aquela confiança que acredita nossa fé e nos pede continuamente o Senhor como condição indispensável para ouvir nossas orações, sob a qual não nos negará coisa que lhe peçamos. Mas há outra confiança presunçosa, outra confiança falsa, que não merece o nome desta virtude e consiste em certa opinião demasiadamente vantajosa que o homem tem de si mesmo, numa esperança fundada em certa virtude imaginária que se atribui a si próprio, e não às especiais graças com que o Senhor nos quis favorecer; confiança que facilmente se conhece quanto engana e quanto precipita. Conta-se muito com as máximas piedosas que se têm frequentemente nos lábios; conta-se com certa como virtude de costume, de que nos lisonjeia nosso amor-próprio; conta-se com uma espécie de cega segurança, que sempre é filha de uma néscia confiança. Ainda que não houvesse outro pecado que esta vã opinião que tem alguém de si mesmo, bastaria para que diante de Deus fosse muito repreensível. Quem pode presumir racionalmente de sua fidelidade, nem muito menos de sua perseverança, nas ocasiões mais frequentes e comuns? Viram-se cair as mais robustas colunas da Igreja, que a serviram de apoio por algum tempo; viram-se precipitar e viram-se eclipsar os mais brilhantes astros, que por muitos anos foram luz, farol e guia dos fiéis: um Salomão, a quem dotou Deus de tão portentosa sabedoria, precipitou-se nos maiores excessos; um apóstolo do mesmo Jesus Cristo, chamado ao apostolado pelo Senhor, instruído em sua divina escola, parou em ser um aleivoso traidor. Desatinaram em erros e extraviaram-se em descaminhos

muitos que fizeram milagres. E depois disto, haverá ainda quem fie muito de seu aparente fervor e de uma virtude inconstante enquanto está exposta às tentações desta vida? Ah, Senhor, que esta falsa confiança bastaria ela só para precipitar-nos em funestas quedas e em desacertados desvarios dentro dos caminhos mesmos da perfeição.

Segundo ponto

Considera que não é menos falsa nem menos insuficiente a confiança fundada nos favores recebidos do Senhor, se não a acompanha sempre uma santa desconfiança de si mesmo; e se, expondo-se às ocasiões mais perigosas, se presume imprudentemente de auxílios extraordinários, que sempre nega Deus aos orgulhosos e somente os concede às almas verdadeiramente humildes.

Faze reflexão à resposta que deu a seus discípulos quando tanto se gloriavam do poder que lhes havia dado para lançar os demônios. «Olhai, disse-lhes, que eu vi cair Satanás como um raio precipitado do céu.» Foi o mesmo que dizer-lhes: Guardai-vos bem de envaidecer-vos pelas graças que haveis recebido de minha poderosa mão: maiores havia eu concedido àqueles espíritos puros que compunham minha corte; enriqueci-os com dons mais excelentes e os escolhi para fazê-los as criaturas mais nobres que haviam saído do seio de meu poder; ocupavam no céu as primeiras cadeiras, mas seu orgulho e sua presunção os precipitou nos abismos. Quanto maiores graças se hão recebido da mão do Senhor, maior conta se há de dar a sua justiça; aos favores mais assinalados correspondem maiores obrigações de agradecimento e de fidelidade. «Trabalhai no negócio de vossa salvação com temor e tremor», diz o Apóstolo (Fl 2); não te fies muito dessa inocência de costume, dessa constante devoção; é uma flor que o ar a murcha; é um cristal que o menor sopro o embaça; uma ventania lança muitas vezes a pique os mais fortes navios; basta um sopro para apagar a tocha mais luminosa. Bom Deus, quantos perecem por uma falsa segurança!

As paixões nunca se domam inteiramente, nem o inimigo da salvação se vence jamais por meio da complacência. Todo aquele que se descuida é homem perdido. Quando o Salvador recomenda tanto o velar e orar, não fala precisamente com os pecadores de profissão; dirigiu estas palavras aos três apóstolos mais favorecidos seus. Expões-te aos maiores perigos de pecar, sem medo de precipitar-te, porque foste fiel até agora? Que ilusão, que confiança tão mal fundada! Davi havia saído vitorioso de muitos combates; havia feito grandes progressos na virtude; e Davi, aquele homem segundo o coração de Deus, logo que não desconfiou de sua fraqueza, caiu nos pecados mais enormes. Apenas há tentação mais digna de temer-se que a falsa confiança: basta um só pecado para perder num momento todos os méritos da vida mais santa e mais penitente. «Depois que houverdes feito tudo quanto vos mandei (diz Jesus Cristo), dizei: Servos inúteis somos.» Bem-aventurado aquele que desconfia sempre de si e anda sempre temeroso.

Ah, Senhor, e quanto tenho de que acusar-me neste ponto! Minhas frequentes quedas não foram porventura efeito de minha demasiada confiança ou, melhor dizendo, de minha néscia presunção? Em vossa só graça devo esperar, meu Deus, e em vós só coloco toda a minha confiança; vós só sois toda a minha esperança e toda a minha fortaleza; em mim não há mais que miséria e nunca perderei de vista minha pobreza e meu nada.

Jaculatórias

> *Beatus homo qui semper est pavidus.* Pr 28.

Bem-aventurado aquele que sempre vive temeroso e desconfiado de si mesmo.

> *Ego sum pauper et dolens: salus tua, Deus, suscepit me.* Sl 68.

Reconheço, Senhor, que estou destituído de todos os bens; não vejo em mim mais que pobreza e miséria; mas vós sois, Deus meu, toda a minha confiança.

Propósitos

1. É a presunção certa opinião demasiadamente boa que cada um tem de si mesmo; nenhuma coisa prova mais que alguém se conhece pouco que quando se estima muito; é muita pobreza de entendimento ignorar até onde chega a fraqueza própria; o que fia em sua imaginária virtude, esteja certo de que não a tem. Não há, pois, que admirar-se de que deem em quedas tão vergonhosas essas almas tão presumidas. Compraz-se Deus em confundir o orgulho humano; aprende a desconfiar de ti, servindo-te de escarmento tantos e tão ruidosos exemplares; reconhece tua miséria e tua inclinação ao mal. Lembra-te sem cessar de que deves obrar o negócio de tua salvação com temor e com tremor, como diz o Apóstolo; não há virtude tão arraigada nem hábito virtuoso tão antigo que nos dispense neste saudável temor. Teme continuamente as surpresas dos sentidos, os artifícios das paixões, os laços que armam à inocência os objetos perigosos; teme a teu próprio espírito e a teu mesmo coração; teme-te a ti mesmo; porque nesta vida tudo é perigoso. Não se aparte jamais de tua memória este oráculo do Apóstolo: «Bem-aventurado o homem que sempre está temeroso de ofender a Deus.»

2. Não basta temer, é mister aplicar todos os meios para evitar o que se teme. Toma, pois, desde este mesmo dia uma eficaz resolução de fugir de tudo aquilo que pode ser ocasião de pecado; de não achar-te em tal concorrência; de não ver tal pessoa; de não tratar de tal assunto; de abster-te de tal jogo; de negar-te a tal diversão; de não ler tal livro; de não repreender com cólera a teus criados nem a teus filhos; numa palavra, de evitar tudo o que pode servir de laço a tua fidelidade e a tua inocência. Não há que fiar-te do valor nem da fidelidade antecedente; assim como nenhuma coisa empenha mais o Senhor para conceder-nos seus auxílios particulares que a humilde desconfiança de si mesmo, assim também nenhuma coisa o irrita mais que a temerária presunção. Foge das ocasiões, se queres viver sem pecado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:17 by Admin

Updated 20 November 2026 20:49:17 by Admin